



CULTURA  
Secretaria de Estado



Ofício nº 491/GS/SEC

Manaus, 16 de abril de 2009.

Ao Excelentíssimo Senhor  
Dr. LUIZ FERNANDO DE ALMEIDA  
Presidente do Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional – IPHAN  
SBN Quadra 2, Edifício Central Brasília - 6º andar  
70040-904 Brasília – DF

IPHAN/PROTOC.SEDE  
01450.006348/2009-11  
23/4/2009



Senhor Presidente,

Ao cumprimentar Vossa Excelência, encaminho o dossiê solicitando a Instauração do Processo de Registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins-AM. Informo que o mesmo é composto das documentações abaixo especificadas:

1. Requerimento/abaixo-assinado com 1.016 assinaturas, solicitando a instauração do processo de registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins.
2. Justificativa do Pedido.
3. Denominação e Descrição do Bem.
4. Informações Históricas sobre o Bem: Histórico do Boi Bumbá Caprichoso, Histórico do Boi Bumbá Garantido, Histórico do Boi Bumbá Campineiro, Histórico do Boi Bumbá Mirim Tupi, Histórico do Boi Bumbá Mirim Estrelinha, Histórico do Boi Bumbá Mineirinho, Histórico do Boi Bumbá Mini Caprichoso e Histórico do Boi Bumbá Mini Garantido.
5. Referências documentais e bibliográficas disponíveis.
6. Documentação mínima disponível, adequada a natureza do Bem.
7. Anexos
  - 50 (cinquenta) folderes do Festival Folclórico de Parintins;
  - 02 (dois) Cd's do Boi Bumbá Garantido – 2006;
  - 03 (três) Cd's com fotos sendo: 02 do Festival Folclórico de Parintins e 01 do Boi Bumbá Garantido;
  - 01 (um) CD-ROM contendo dossiê com fotos e documentos do Mini-Festival folclórico dos bois Bumbás Garantido e Caprichoso;
  - 01 (um) CD-ROM do Festival Folclórico de Parintins "O Folclore da Floresta";
  - 01 (um) DVD do Festival Folclórico de Parintins 1996;
  - 01 (um) DVD do Festival Folclórico de Parintins 2003;

*A Guernica de  
Registro,  
para exame e  
procedimentos  
Em: 27/04/09  
DIRETORA  
DPI/IPHAN*

**RECEBIDO**  
Em 24/04/09  
As 15:39 hs  
*Nicolfo*  
DPI/IPHAN

Atenciosamente,

ROBÉRIO DOS SANTOS PEREIRA BRAGA  
Secretário

Encaminhe-se à(o) **DPI**  
Para conhecimento e adoção  
das providências  
Em, 23/04/09

*Gustavo do Vale Fernandes*  
Técnico I  
Gabinete da Presidência  
Matr. 1559410



**SOLICITAÇÃO PARA INSTAURAÇÃO  
DO PROCESSO DE REGISTRO DA  
CULTURA DO BOI BUMBÁ DE  
PARINTINS – AM**



## SUMÁRIO

1. Requerimento/abaixo-assinado solicitando a instauração do processo de registro da Cultura do Boi Bumbá do município de Parintins
2. Justificativa do pedido
3. Denominação e descrição do Bem
4. Informações Históricas sobre o Bem
  - 4.1 Histórico do Boi Bumbá Caprichoso
  - 4.2 Histórico do Boi Bumbá Garantido
  - 4.3 Histórico do Boi Bumbá Campineiro
  - 4.4 Histórico do Boi Bumbá Mirim Tupi
  - 4.5 Histórico do Boi Bumbá Mirim Estrelinha
  - 4.6 Histórico do Boi Bumbá Mirim Mineirinho
  - 4.7 Histórico do Boi Bumbá Mini Caprichoso
  - 4.8 Histórico do Boi Bumbá Mini Garantido
5. Referências documentais e bibliográficas disponíveis.
6. Documentação mínima disponível, adequada à natureza do bem, tais como Cd's com fotografias e gravações sonoras, folderes e vídeo.

## Justificativa do pedido

Poucas manifestações ou formas de expressão no estado do Amazonas são mais representativas, posto que símbolo, referência de identidade, que a cultura do boi bumbá de Parintins.

Em qualquer lugar do Brasil que se conheça um amazonense as referências, a memória do espaço, que ele buscará quando lhe perguntarem de sua terra natal será inevitavelmente duas: a imensa Floresta Amazônica e os bois de Parintins.

Na mais famosa manifestação popular do auto do boi no país o povo amazonense se reconhece, se ufana de ser nativo de um território isolado pela floresta e acarinhado pelas longas trilhas de rio. Para as brincadeiras dos bois, exemplarmente nos meses de junho e julho (meses “joaninos” como dizem seus velhos) confluem as atenções, não só dos cidadãos parintinenses, mas de todo o Estado do Amazonas, ansiosos por verem reescritas, recontadas suas lendas, seus mitos de origem, suas cores, sabores e sons.

Essa manifestação, tida como espetáculo (e que dessa forma vive a escandalizar os mais puristas) é, sobretudo, uma forma de expressão, a releitura não somente da mais expressiva dança dramática do país, como também do rico imaginário amazônico. Marca contundentemente a simbiose entre as representações identitárias – os contrastes do quem somos nós, de quem são os outros e de como são produzidas essas alteridades – e as formas como uma comunidade específica no interior do Estado do Amazonas (e quiçá grande parte das outras também) tem conjugado a dinamização de sua cultura no tempo e espaço no freqüente diálogo entre seus temas mais caros, rústicos e tradicionais a metáforas, re-significações de um mundo contraditório, globalizante em sua modernidade.

Esse novo nativismo (Cavalcanti, 2000) que incorpora tanto o tradicional como o moderno – inaugurando por um movimento cultural que fala sobre essa identidade cabocla em tempos de internet, não mais caracterizada pelo relativo isolamento, pela placidez dos seus caminhos, mas pelo diálogo constante com um mundo em constantes mutações – fala de um caboclo que precisa re-significar seu lugar no mundo, de produzir atualizações de sua identidade em novas alteridades.

O espetáculo representado pelas diversas manifestações da cultura do boi bumbá na cidade fala muito, entre outras coisas, da marcação, de um sinal dessa identidade reafirmado e ativado frequentemente.

A cultura dos bois de Parintins, antes de ser um espetáculo é um grito de um recanto outrora esquecido desse país, que pretende se fazer ouvir, de se fazer belo, de ser visto.

Como dizem os seus nativos, Parintins vive de sua cultura. Os seus quase 100.000 habitantes carecem dos altos níveis de desemprego. Mesmo as produções pecuárias e bubalinas não são suficientes para garantir a renda de grande parte da população. Os empregos formais concentram-se em sua maior parte nos cargos públicos estaduais e municipais e entre a população com maior escolaridade.

Como Maria Laura Viveiros de Castro acompanhou em uma das entrevistas que fez na cidade, a cultura dos bois é elemento não só importante da articulação da identidade local e de benefícios políticos como também na geração de renda da população do município. “O ruim de Parintins é que não tem emprego para todo mundo, porém a cidade sabe inventar brincadeiras. Por isso o povo de fora vem para ver” (Cavalcanti, 2000).

Nesse contexto, as associações folclóricas (organizadas em pessoas jurídicas desde a década de 80) empregam em seus barracões centenas de artistas, entre desenhistas, músicos, soldados, coreógrafos, etc.

Algumas articulações produzidas pelo esforço dos artistas que o produzem são o mecenato cultural do MinC, o patrocínio da Coca-Cola, o investimento do Governo do Estado, a venda do direito televisivo de arena, a venda de ingressos e a comercialização da marca dos dois bois mais famosos – Garantido e Caprichoso – destinam-se quase que exclusivamente a elaboração do Festival no Bumbódromo (a arena de apresentação dos bois), enquanto parte de seus artistas menos conhecidos sofrem com a falta ou atraso de seus pagamentos.

“Ficamos tristes sem receber o nosso direito, mas não conseguimos deixar de estar ao lado do nosso boi” – depoimento fácil na boca daqueles cidadãos mais humildes que participam da elaboração da grandiosa festa de Parintins.

Fazem por estar comprometido nessa prática o “ser” parintinense – artista, poeta ou brincante de boi. A tradição antes da recompensa material. Ficar de fora da brincadeira de boi é, para muitos parintinenses, invisibilizar-se, negar-se a participar da

coletividade marcada pelo momento do ritual. E negar-se a própria pertença ao seu grupo de origem, sua gente.

Os artistas de Parintins são um fenômeno de exportação. A cada alegoria no carnaval carioca ou eventos como os Jogos Pan-americanos que tenha a marca Parintins, se faz em todo o Estado exclamações de orgulho.

Fora do município a influencia dessa cultura se faz sentir. Eventos que atraem milhares de pessoas como o Boi Manaus, anualmente em outubro quando a ilha de Tupinambarana ou Parintins, atraca com todos os seus artistas na capital do estado; ou Carnaboi, um carnaval dançado em toadas, e ainda os diversos festivais no interior onde se reproduz expressões do boi com nítidas influencias estéticas e musicais da cultura de Parintins.

É inegável que em um canto isolado do Estado do Amazonas, esquecido de grande parte das políticas oficiais por pelo menos dois séculos e meio, tenha surgido uma manifestação com capacidade de articular o amazonense em torno de uma identidade local, amazônica, que inclui em si um dizer-se filho de índios e caboclos, de nordestinos e negros, identidade construída sob referências nitidamente regionais e orgulhosamente atuais.

Parintins tem feito nos últimos vinte anos o Amazonas cantar suas lendas e ambiente, reconstruir seus mitos de origem, pensar-se tradicional e moderno, indígena e urbano. Em final de junho, essa população amazônica reunida em Parintins canta suas origens (mesmo que inventadas) e seu corpo com orgulho.

Ainda se faz necessária uma restituição histórica da contribuição amazônica na produção da identidade nacional. Uma Amazônia que dorme nos braços de suas nações indígenas, mas que também quer ser valorizada por aquilo que produziu no cadinho cultural de suas cidades. Uma Amazônia que é indígena, mas que também é portuguesa, nordestina e negra. Que se moderniza, que se pensa com um pé na tradição e outro na modernidade.

A cultura dos bois em Parintins resume isso, a tradição e a modernidade lado a lado nas apresentações de seus diversos bois – sejam mirins, em miniaturas ou espetaculares.

Talvez seja por isso que o Amazonas se veja tão identificado a eles. Por falarem de uma nova Amazônia, de uma identidade em constante mudança, que soube se atualizar sem perder suas referências mais caras, de um povo que construiu novas formas de se ver e principalmente de ser visto. De se dizer que se é sem precisar

recorrer a visão romantizada dos naturalistas que perdura até hoje quando se fala no ambiente físico e cultural em que se vive por essas terras.

O registro da cultura do boi bumbá de Parintins serviria principalmente a dois fatores – tanto restituir à diversidade cultural do país a contribuição mais expressiva dessa renovada identidade amazônica quanto de reconhecer a participação do Amazonas na construção da face desse novo Brasil.

Além disso, cabe salientar que inúmeras manifestações da cultura do boi bumbá de Parintins (menos espetaculares, mas não menores em importância), correm o risco de desaparecerem, seja por falta de investimentos, seja pelo envelhecimento de seus mestres.

Expressões localizadas como o boi de caixa, o boi de rua e o boi de bombom estão fadadas ao esquecimento em função das dificuldades enfrentadas por seus mestres em sua reprodução. Enquanto Garantido e Caprichoso capitaneiam a maior parte dos recursos e da atenção de agentes externos e mesmo das municipalidades, essas outras manifestações do boi sofrem há anos com a falta de recursos (econômicos e políticos) para de novo, brincarem de boi (numa expressão muito utilizada em Parintins); ainda que seja nessas manifestações que os parintinenses reconheçam a tradição de seu auto.

Os  
Objetivos  
do projeto  
de Registro

## Descrição e Denominação do Bem Proposto

Msc. Cristian Pio Ávila

*Antropólogo – SEC/AM*

A cultura do boi bumba de Parintins pode ser reconhecida como um complexo cultural que envolve diversas expressões artísticas em torno do auto do boi, espécie de drama popular que versa sobre o sacrifício e ressurreição do animal.

O epicentro geográfico da manifestação é a ilha de Tupinambarana, maior ilha fluvial do estado do Amazonas (7.069 km<sup>2</sup>) e mais especificamente o município de Parintins. Situada na região conhecida como Baixo Amazonas, fica a margem direita do Rio Amazonas, entre o Madeira e o Paraná dos Ramos. Em termos de relevo, podemos dizer que a ilha parece um imenso território recortados por outras pequenas ilhas.

Segundo o IBGE, Parintins conta em 2007 com uma população de 102.044 habitantes. Suas principais atividades econômicas são a pecuária, a agricultura o artesanato e o turismo.

O período de maior intensidade na apresentação dos autos é aquele reconhecido como junino, ou seja, do ciclo de festas de santos que começa em início de junho com as comemorações dos dias de Santo Antônio, São João, São Pedro e São Marçal e se estende, por vezes, até meados de julho, embora os trabalhos de elaboração dos diversos elementos envolvidos na manifestação comecem já em novembro do ano anterior, em alguns casos. Como dizem na ilha: “Se termina uma apresentação já pensando na do ano que vem”.

Nas várias comunidades de Tupinambarana são apresentadas diversas variações do auto do boi, dentre elas se destacam:

- Bois Mirim – produzidos predominantemente nas escolas estaduais e municipais de Parintins. Envolvem pais, professores e alunos do ensino fundamental. As crianças assumem os mais diversos papéis na representação do auto – apresentadores, amos, batucada, entre outros. Os mais conhecidos são o Campineiro, Estrelinha e Teimosinho.

- Bois em Miniatura – logo após os festejos do Festival Folclórico de Parintins, ocupam a arena os bois em miniatura, que são uma versão dos bois Caprichoso e





Garantido todos produzidos em marionetes. Espetáculo onde as miniaturas encenam o auto com impressionante riqueza de detalhes e movimentos.

- Bois de Caixa – são os tradicionais bois de rua. Esses bois ainda utilizam os instrumentos musicais tradicionais do auto: matracas, palmas e caixas.

- “Bois de Criança” – bois de rua produzidos exclusivamente por crianças em diversas comunidades do interior de Parintins. Entre eles se destacam o “Kibonzinho”, boi todo feito de bombons, que durante o ritual de matança do auto é devorado pela garotada.

- Bois-Bumbá – são os famosos bois-bumbá Garantido e Caprichoso que fecham as três últimas noites do Festival Folclórico de Parintins (último final de semana do mês de junho) com suas apresentações.

Contra a tendência geral de colocar o boi bumba do Amazonas como descendente das expressões nordestinas do boi, podemos sugerir que o auto do boi no Amazonas, entretanto, tem sua “origem” nas variáveis jesuíticas do teatro com fortes, do ato sacrificial de adoração do touro, presente em inúmeras culturas européias, em particular em Portugal e Espanha.

Segundo Mario Ypiranga, “a tauromaquia fora sempre uma das presenças olímpicas dos circos primitivos, levada para Roma e dali para a Europa setentrional, França, Espanha, Portugal e até mesmo para o Amazonas”(2004:50). Nesse sentido, é válido citar também as bufonarias, o teatro de rua, as operetas, bem como a forte influência dos ritos de mascarados indígenas e a introdução de seus tambores.

Encontra-se referência ao boi bumba no Amazonas desde o século XVIII, sob o nome de Boi de São Marcos no município de Barcelos (próximo a Parintins), mais especificamente, no ano de 1787. É uma circular dirigida às autoridades com finalidade de orientá-las para as cerimônias de Corpus Christi, que deveria se realizar no mesmo estilo das matrizes de Lisboa, Porto, etc:

*“Da competencia do illmo s. presidente da Câmera de dezanove de abril do na.vrio, de Nostro sr.Jseu Christo de 1787 que ficam desde já de subravisio os ills. Ss. Pároco Joseph de Villares, ó meirin Gustaf Sobral o procu.dor. De câmera Antonio Salustiano Salcedo Cabarl E demas gente de officios tanueiro, maçãõ ferreiro pescador Caboquero serador y pêra que requer ss.Exas. Pêra compor a proscição de Corpus Christu, que é um bem apeçoado san Gorge de ginete armado e dumonho um boy de s.marques mais sua dansa de tourina e rondade jocquins e pegu.ros alaudos, viola,*

continua desde  
história

*insinia uma mão devergas pera des figura de marítimos, uma alegre dansa de salloyos com sanfonha panderete uma charola de parada com sua allegoria da coroa de s.m. balcão rialeq são obrgdos.(...)*” (Ypiranga, 2004:154-5)

Mais a frente, o mesmo documento indica o itinerário a ser percorrido pela procissão-folguedo, que atravessaria as ruas centrais de Barcelos terminando na Igreja Matriz ao fim da tarde e com luminárias e festas a noite.

Dessa forma, demonstra-se que a expressão do boi bumba tem mais de 200 anos na região, sendo introduzida pelos colonos portugueses e indígenas que dividiam a fundação dessas aldeias em vilas, segundo determinavam os alvarás reais de D. José I. Porém, nas várias descrições dos viajantes sobre os bumbas, é sempre apontada a participação maciça de “negros” e “mamelucos” nos cortejos.

Em 1859, temos através do explorador Robert Avé-Lallemant, uma rica descrição da prática do boi bumba pelas ruas de Manaus, enquanto em 1883, temos na fronteira do Pará com o Amazonas (região próxima a Parintins) o relato do turista português Davi O. Sanches de Frias. Em 1914, o célebre escritor português José Maria Ferreira de Castro, faz menção do boi bumba, descrevendo já as tradicionais figuras que até hoje se mantêm em suas apresentações: os tuxauas, Catirina, Pai Francisco, as matracas e outros instrumentos musicais. (Ypiranga, op.cit.:111-31).

Como seria natural dentro daquilo que consideramos como um complexo cultural existe inúmeras variações, principalmente na forma, da manifestação do boi bumba em Parintins. Alguns elementos, entretanto, são constantes, mesmo que sua participação no auto sejam mais ou menos centrais, como é o caso dos já citados Pai Francisco e Catirina.

Outros elementos, tipicamente amazônicos, são introduzidos em determinado momento histórico e depois abandonados no auto, é o caso do bicho folharal, jurupari (seres mitológicos amazônicos), ou do feitor, fiscais, chefe dos vaqueiros, representando figuras políticas de mediano destaque social. Essa ida e vinda de elementos, a introdução e o desaparecimento deles, mostra o quão dinâmica é a cultura do boi bumbá de Parintins.

O auto do boi, em Parintins, pode surgir ora como protagonista, ora apenas como pano de fundo da apresentação. Enquanto bois “menores” como *Kibonzinho* e *bois de caixa* se mantêm em parte fiéis ao auto, as suas encenações e dramas, *Caprichoso* e *Garantido*, sejam os bumbas, sejam os bois em miniatura, utilizam o auto apenas como

um pano de fundo muito sutil onde se descortinam as mais variadas formas de representação do imaginário amazônico, através da re-significação das lendas e mitos dos povos indígenas e dos ribeirinhos.

A narrativa “original” trata-se, como dito anteriormente, da morte e ressurreição do boi. *Catirina*, uma escrava gestante tem desejo de comer a língua do boi. Pai Francisco, um preto velho, a fim de consumir o desejo de sua esposa, mata o boi preferido do dono da fazenda, o *Amo do Boi*. Assustado com o ocorrido, *Pai Francisco* foge para o mato para não sofrer os conseqüentes castigos infringidos pela raiva do dono da fazenda.

Entretanto, um dos vaqueiros o denuncia para o *Amo*, que revoltado resolve ir a sua caça. Para perseguir *Pai Francisco*, o *Amo* chama os *índios guerreiros* e seu *Tuchaua*. Porém, antes da perseguição os índios são batizados pelo *padre* de confiança do *Amo*. Os *índios* prendem *Pai Francisco* e o carregam até o *Amo* que exige seu boi de volta. Os pedidos de *Pai Francisco* para não ser castigado de nada adiantam, até que o *Amo* resolve ir pedir ajuda ao *pajé* da tribo para curar o *boi*. O *pajé* ensina que é possível curar o *boi* através de um processo de consiste em dar um espirro em seu rabo. *Pai Francisco* ao fazer o que foi ensinado pelo *pajé*, cura o *boi* que se levanta para alegria e festa geral de todos os envolvidos. (Braga, 2002: 27-8).

O auto, em suma, se resume a esse pequeno e conciso drama. Drama recontado e recriado diversas vezes. Drama que se reveste de variados formatos – seja pelo canto, pela representação, pela alegoria, pela indumentária, ou na reunião de todos esses elementos.

Há atualmente, o que parece, uma influência bastante grande dos bois Caprichoso e Garantido sobre as outras manifestações do boi em Parintins. Algumas causas são possíveis de serem apontadas: o sucesso de divulgação dos bois de “arena” a nível nacional e mesmo internacional, o grande número de pessoas naturais de Parintins e de outros municípios do interior que se envolvem na confecção da Festa de Garantido e Caprichoso, as escolinhas de base mantida por esses dois bois e o forte sentimento de identidade local reservado na pertença a um desses dois grupos folclóricos.

Dessa forma, a estrutura hoje construída pela apresentação dos bumbas Garantido e Caprichoso tem sido difundida a outros grupos também, por exemplo, como entre os bois mirins e os bois em miniatura.

A exceção dos outros grupos folclóricos, que se apresentam na maior parte das vezes sem data definida ao longo dos meses de junho e julho, os bumbas Caprichoso e

narrativa do  
auto do boi

Garantido se apresentam “oficialmente<sup>1</sup>” no último final de semana de junho no Bumbódromo, espécie de arena construída especialmente para essas ocasiões.

As apresentações desenrolam-se por três dias (sexta, sábado e domingo), cada noite apresentando uma narrativa, uma representação diferente. Na verdade, cada boi realiza três apresentações, cada uma com aproximadamente duas horas e trinta minutos de duração.

Cada boi mobiliza em torno de quatro mil participantes, indivíduos não só de Parintins, mas de outros municípios do Amazonas e de outros Estados do país. Esses participantes dividem-se entre dezenove itens<sup>2</sup>, a tratar:

- 1) Apresentador: encarregado de narrar em detalhes os diferentes aspectos da apresentação do boi na arena;
- 2) Levantador de Toadas: cantor das toadas de boi;
- 3) Batucada: conjunto dos instrumentos de percussão (corresponde a bateria das escolas de samba)
- 4) Ritual: representação de uma narrativa mítico-religiosa, geralmente de confronto entre as forças do bem com as do mal, no caso, do pajé contra figuras “demoníacas” como o Mapinguarí, ou tribos canibais (por exemplo). Geralmente é o encerramento das apresentações.
- 5) Porta Estandarte – mulher que traz consigo o estandarte com os símbolos do grupo folclórico e o tema escolhido para o ano pelos bois.
- 6) Amo do Boi – É do dono da fazenda e do boi. Responsável por tirar as saudações a Galera e as provocações ao adversário em forma de repentes.
- 7) Sinhazinha da Fazenda: sem estar presente no auto original, acaba por incorporar-se nas recentes apresentações. É a filha virginal do dono da fazenda, vestida com rendas e saias rodadas. Representa o amor e carinho pelo boi.
- 8) Rainha do Folclore: presta homenagem ao folclore amazônico.
- 9) Cunhã-Poranga: é a mais bela “índia” do boi, representa a beleza da mulher amazônica. Geralmente dança semi-nua, ornada com belas indumentárias em penas de aves.

---

<sup>1</sup> Oficialmente, posto que é o período do Festival, onde um concorre contra o outro. Embora, realizem diversas apresentações em todo o Estado do Amazonas, durante o ano todo.

<sup>2</sup> Aqui tratamos não especificamente dos itens postos em julgamento, mas dos itens narrativos das apresentações: entre personagens, cenários e narrativas.

- 10) Boi-Bumbá- é o próprio boi, que entra na arena disposto a realizar a melhor evolução, ou seja, executar os melhores movimentos. Esse item fica a cargo da experiência do chamado *tripa do boi*, aquele que vai dentro da carcaça do boi.
- 11) Pai Francisco: negro escravo, responsável pela morte do boi.
- 12) Catirina: esposa de Pai Francisco, grávida pede a língua do boi.
- 13) Cazumbá: filho endiabrado de Pai Francisco e Catirina. (os três itens acima são figuras cômicas, fazendo palhaçadas na arena durante o desenvolvimento da apresentação).
- 14) Música e Letra: Composições musicais que dão a tônica das apresentações. Começam a serem produzidas já em outubro, a partir do concurso de toadas promovido pelos bois. As músicas vencedoras passam para o estúdio onde são gravadas. Dessa forma, se garante que antes das apresentações, grandes partes dos espectadores já conheçam as toadas, podendo as entoar juntos aos levantadores no bumbódromo.
- 15) Pajé: curandeiro ou líder religioso indígena. Tem importante papel no ritual.
- 16) Tribos indígenas masculinas: coreógrafos vestidos em indumentária indígena que representam as diversas etnias amazônicas. Cada ala faz alusão a um grupo indígena determinada, grupos esses a quem geralmente recorrem à mitologia representada no bumbódromo.
- 17) Tribos Indígenas femininas: mesmo papel do item anterior, agora com mulheres com indumentárias indígenas.
- 18) Tuxauas: representam os chefes políticos indígenas. Chegam em gigantescas indumentárias, que por vezes alcançam os 5m. de diâmetro.
- 19) Figuras típicas regionais: figurantes que representam grupos sociais amazônicos e seu cotidiano. Aqui se prestam homenagens aos grupos caboclos e ribeirinhos, suas técnicas, saberes, culinária, vestimenta, etc.
- 20) Alegorias: grandes estruturas de ferragem e adereços representando cenas das narrativas das apresentações. Em sua grande maioria, ganham movimentos por meio de um intrincado sistema de cabos e roldanas, que os artistas de Parintins têm exportado para diversas

manifestações, inclusive o carnaval do Rio de Janeiro. Começam a ser produzidas tão logo as Comissões de Arte tenham definido os temas a serem abordados nas apresentações. A primeira fase de sua confecção é o desenho, produzido por artistas plásticos parintinenses. Em seguida, diversos profissionais e artistas passam a montagem das alegorias: estruturas de ferro, moldagem de isopor, pintura e acabamento com diversos materiais (inclusive recicláveis) como plástico, madeira, esponja, brilhos, entre outros.

- 21) Vaqueirada: conjunto de figurantes que passam montados em “burrinhas” alegóricas empunhando lanças nas mãos. Guarnecem o boi durante sua evolução na arena.
- 22) Galera: é a torcida dos bois. Item importante na apresentação, posto que suas coreografias e cantos são partes inerentes da beleza do Festival.

Um a um, esses itens vão tomando seus espaços na arena até a apoteose final com a vitória do bem sobre o mal no Ritual e conseqüente ressurreição do boi. Segundo declaração captada por Braga (2002: 36): “na apoteose do boi, quando tribos, alegorias e personagens passam a ser uma unidade, onde cada um deixa de ser um para ser todos, é a união, onde a harmonia faz o conjunto folclórico.”.

A apresentação dos bumbás no Bumbódromo (construído em 1988) tem início com a entrada do Apresentador que imediatamente se dirige a Galera, que responde em altos brados de euforia. Está na hora de seu bumba se apresentar.

A cada entrada de diferentes itens, ou cada mudança dramática, é o apresentador quem narra à platéia a viagem sobre o mundo amazônico maravilhoso dos bumbás.

Talvez, um dos momentos mais marcantes da apresentação seja o do silêncio que precede a entrada da Batucada (no Garantido) ou Marujada (no Caprichoso). Faz-se um silêncio mortal no Bumbódromo, interrompido com os fortes baques dos tambores. Um baque tão alto que “retumba no peito” de quem assiste.

Dizem os parintinenses que se você é turista e não se decidiu qual será o seu “boi de coração”, é a entrada das batucadas na “arena de guerra dos bois”

que, imediatamente, o fará decidir. *Aquela que mais lhe “arrepia”, já lhe ganhou!*

A partir daí o cenário começa a se delinear. Entram em seguida os Levantadores de Toada cantando acompanhados por todo um lado do bumbódromo (posto que o lado contrário, enquanto da apresentação de seu oponente, fica completamente emudecido).

Do Levantador se passa ao Amo do Boi que entra lançando versos de desafio ao boi contrário. Fazem parte do universo desses versos desde provocações pessoais entre os Amos, até críticas a itens específicos do adversário ou problemas cotidianos de administração dos bois.

Lembramos do ano de 2007, quando um dos Amos, chamou de “idosa” a Sinhazinha da Fazenda do boi adversário, causando um tremendo espanto de um lado da arena e muitos risos e frenesi do outro.

A partir da entrada desses itens centrais, passam a desfilar na arena seqüências narrativas marcadas pela entrada das gigantescas alegorias, onde cada uma conta uma determinada história, cercada por suas centenas de figurantes. É geralmente de dentro de uma dessas alegorias, a cada ano através de uma surpresa diferente que surge o boi, propriamente dito, para brincar com os espectadores.

Segundo a descrição de Braga:

“O momento mais esperado pela Galera é o da evolução do boi. Ele aparece sempre de surpresa, em meio a uma alegoria construída exclusivamente para a apresentação do boi ou na estrutura artística de uma Lenda amazônica, figura típica regional ou ritual. Quando o boi aparece, a Galera delira, ovaciona o seu ídolo maior, vai às raias da loucura, o que é considerado perfeitamente normal no Festival de Parintins. E o bozinho não deixa por menos, diante de tanta paixão da Galera. Ele dança, não esquece de dançar para os jurados, finge comer capim e sal oferecidos pela mão da Sinhazinha da Fazenda, faz mesuras, urra, sugere a todos com singular simpatia e beleza que ele também é gente.” (2002:42)

Algumas vezes o boi pode vir voando nas asas de uma imensa garça, projetado a 10 metros de altura ou aparecer dentro de um coração vermelho que explode em fogos de fulgurante vermelho.

Acompanhando as evoluções do boi estão as vaqueiradas, com garbosos caboclos montados em pequenas e coloridas burrinhas, que saltitam ladeadas por belíssimas lanças-estandartes carregadas de fitas multicoloridas.

Ocupando quase o espaço total da arena dançam as tribos, vestidos de delicadas fantasias confeccionadas com matérias primas regionais. O passo tem quase sempre por base o famoso dois pra lá –dois pra cá (dois passos laterais para a esquerda, dois passos laterais para a direita, com ampla movimentação dos braços) sujeito a pequenas variações. Cada uma das tribos homenageia ou conta uma história de alguma etnia indígena específica da Amazônia.

Não raro encontramos indígenas no Bumbódromo, se divertindo nas arquibancadas diante a festa de seus mitos re-significados.

A música que acompanha a evolução do boi é chamada de “toada”, seja no Festival Folclórico (onde se apresentam Garantido e Caprichoso), seja na rua, a volta dos bois de caixa e mirins. O tema das toadas orbita sobre temas da vida regional – a vida do caboclo, do índio, a floresta, os rios, os animais, a mitologia local, homenagens a figuras históricas dos bois ou a seus itens.

Como já dissemos acima, não há uma estrutura rígida na apresentação dos bois, principalmente entre aqueles que se apresentam no Bumbódromo. Segundo Braga:

“(…) a apresentação não tem uma seqüência fixa, sendo apenas orientada espacialmente pelas alegorias, localizadas no centro da arena, e cuja estrutura artística prevalece na evolução e organização espacial dos figurantes do bumba, ao compor diferentes cenários para as apresentações de lendas, figuras mitológicas e encenação do Ritual”. (2002:41)

Em relação aos bois de rua, podemos dizer que a sequência temporal da apresentação é um misto, tanto do ritual de matança e ressurreição do boi, como também (por influência dos bois “maiores” – Garantido e Caprichoso) pela sucessão da apresentação dos itens individuais – amo do boi, levantador de toada, cunhã-poranga, rainha do folclore, sinhazinha da fazenda, pajé, etc...

Parintins vive os seus bois quase o ano inteiro. Excetuando os dois meses posteriores ao Festival, que servem para “arrumar a casa” – pagar os artistas, organizar



as comissões, limpar os barracões – o resto do ano é de trabalho em torno da festa maior do Amazonas: compondo toadas, pesquisando temas, ensaiando as danças, desenhando e esculpindo as alegorias e produzindo souvenirs para a comercialização. Além disso, os artistas dos bois participam da criação e confecção de outras expressões locais como Pastorinhas e Festa de Nossa Senhora do Carmo, as influenciando através de suas mãos e mentes.

Dessa forma, concluímos que uma descrição cuidadosa da cultura do boi bumba de Parintins não deve restringir-se aos momentos que antecedem os festivais, ou o ciclo junino, mas como produto de uma observação cuidadosa entre os diversos grupos que compõem essa manifestação cultural durante o ano todo.

## Sobre o valor cultural do Bumbá de Parintins/Amazonas

Maria Laura Viveiros de Castro Cavalcanti \*

O Boi-bumbá de Parintins/Amazonas é um desenvolvimento ímpar e espetacular dos folguedos do boi existentes no país. Esses folguedos remontam ao processo histórico de conformação da cultura popular no Brasil e as pesquisas contemporâneas indicam o desenvolvimento simultâneo de diferentes formas da brincadeira, em especial no norte e nordeste, já nos primórdios do século 19.

No Boi-Bumbá de Parintins, a organização do festival em torno da rivalidade dos dois grupos de brincantes produziu - na forma de alegorias, temas, fantasias, danças e toadas - grande beleza e sofisticação artísticas. Reafirmando anualmente seu valor cultural profundo, a festa tem forte presença na sociedade regional e vem ganhando a atenção nacional e internacional.

Assumindo como símbolos da identidade regional a moderna bandeira ecológica e indianista, a defesa da mata amazônica, a memória e a história dos grupos indígenas regionais e das populações ribeirinhas, o Bumbá de Parintins agregou em seu entorno um vasto complexo sócio-cultural. O festival é festa cabocla a erguer-se no cenário da cultura popular contemporânea com surpreendente força e beleza.

Textos da autora sobre o tema disponíveis em [www.lauracavalcanti.com.br](http://www.lauracavalcanti.com.br) :

"Brincando de Boi: o ritual dos bois-bumbá de Parintins". Revista *Ciência Hoje*, vol 40: 18-23., agosto de 2007. CNPq/ SBPC.

"Tema e variantes do mito: sobre a morte e a ressurreição do boi". *Mana. Estudos de Antropologia Social*. 12(1): 69-104, 2006.

"The Amazonian Ox Dance Festival: An Anthropological Account". *Cultural Analysis* 2001, 2: 69-105. The University of California. 2001

"O Boi-bumbá de Parintins, Amazonas: breve história e etnografia da festa." *História, Ciência e Saúde*. Manguinhos, vol. VI (suplemento), pp. 1019 - 1046. Rio de Janeiro: FioCruz, 2000.

*\* Antropóloga, Profª. Dra. do Departamento de Antropologia Cultural e do Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia. Instituto de Filosofia e Ciências Sociais/ Universidade Federal do Rio de Janeiro.*



**ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA  
BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

# SÍNTESE HISTÓRICA DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Associação Folclórica Boi Bumbá Caprichoso  
Rua Gomes de Castro n°. 685 – Centro. CEP 69.151-090 – CNPJ. 04.276.523/0001 – 16  
E – mail: [www.boicaprichoso@yahoo.com.br](mailto:www.boicaprichoso@yahoo.com.br)



**ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA  
BOI BUMBÁ CAPRICHOSO**

**"SE ACHAM QUE VIVEMOS DE  
SONHOS  
LEMBREM-SE QUE FOI  
EXATAMENTE O QUE  
ACONTECEU EM  
1966  
COM O 1º FESTIVAL  
FOLCLÓRICO DE PARINTINS"**

**PARINTINS – AM  
AGOSTO / 2007**



# ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

## HISTÓRICO DO BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Apresentamos uma síntese da história do Caprichoso, evocando suas origens e valores culturais, étnicos e religiosos que compuseram o passado, refletindo no presente o arrojo, a ousadia, a dedicação de homens rudes, mas determinados, que o construíram, deixando gravado nas entranhas do parintinense a disciplina de suas forças que como estrelas metálicas feriam os que tentavam impedir o ideal de construir um brinquedo de pano sob as bênçãos dos santos: Antônio, João, Pedro e Marçal.

## CRIAÇÃO DO CAPRICHOSO

A procura vertiginosa do **ouro negro** (borracha) atraiu um cem números de nordestinos para a Amazônia, tangidos pela situação econômica e social e pela crise da economia agrária.

1910 - Irmãos Cid, naturais de Crato – Ceará, em número de três – Roque Cid, Antônio Cid e Pedro Cid, que influenciados pela propaganda da borracha, rumam para a Amazônia.

Não imaginavam que a economia gomífera encontrava-se em declínio, o que os deixou sem perspectiva. Eram homens admiráveis, corajosos, íntegros, pândegos e de forte caráter moral.

O mais velho, Pedro Cid, resolve ficar em Belém, precisava de trabalho urgentemente. Os outros, Roque Cid e Antônio Cid, seguem para Manaus. Aportando em Parintins, saltam e resolvem ficar.

Aqui instalados, procuram dar novo rumo as suas vidas.

Em contato com o Amazonas, sentiram que esta terra era palco de muitos sonhos, histórias, estórias, mistérios e emoções. Encantados com esta ilha menina, chamada Parintins, fizeram uma promessa a São João pedindo-lhe que se tudo desse certo: mulheres, trabalho, casas, etc. louvariam São João, com a brincadeira do boi bumbá.



## ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Para o nordestino o bumba boi é a força que faz renascer a fé em seu povo. A promessa é um modo de afastar a natureza hostil ou as injustiças de uma sociedade que se acredita superior aos pobres necessitados, ou até mesmo de poder acreditar através da fé, num amanhã mais promissor, com trabalhos à vista.

Parintins recebe-os de braços abertos, inebriando-os com seu perfume de “Meiga Flor do Amazonas”.

Situada a margem direita do Rio Amazonas, na maior ilha das Tupinambaranas, ocupa uma área de 6.005 Km<sup>2</sup> com uma população estimada em 100.000 habitantes. Sua economia está pautada na pecuária sem desvincular-se da agricultura e da pesca. Dista de Manaus, capital: 420 km – via fluvial e 300 km – via aérea.

Os irmãos Cid, aguardam os dias que virão. Por serem de boa índole e papo saudável, fizeram vários amigos, dentre eles, José Furtado Belém. Todas as noites se reuniam, bebericavam, conversavam e falavam de seus dramas e mulheres.

1913 – Ainda não haviam concretizado todos os seus sonhos, resolvem que vão retornar as suas origens. Comunicam a decisão ao melhor amigo, José Furtado Belém que tenta reascender neles, a chama da esperança. Fala-lhes sobre um boi de nome Caprichoso que assistira em Manaus, na Praça 14 de Janeiro, contou-lhes como foi sua evolução: toadas, desafios, animação e comicidade.

### QUEM FOI JOSÉ FURTADO BELÉM?

Ilustre filho de Parintins foi: Administrador da Mesa de Rendas; Superintendente Municipal; - Deputado Estadual; - Vice- Governador do Estado / AM; Advogado do Amazonas na Questão do Contestado.

Os irmãos Cid enchem-se de coragem e no dia 20 de outubro de 1913, juntamente com outros amigos, a promessa a São João foi cumprida: nasce Caprichoso na Travessa Sá Peixoto, no local conhecido como **Esconde**.

Este gesto fez bem à lua, à morena bela, ao luar, aos amantes da noite, à folia parintinense, à cultura desta terra que hoje escancara sua cara para o mundo.



## ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

Roque Cid, o autor da façanha com outros amigos, jamais imaginara que seus sonhos realizados através de São João Batista e do amigo José Furtado Belém, o tornaria conhecido no cenário da história do Boi Bumbá de Parintins.

Desde a criação do Caprichoso, sempre se pensou em um boi de cor preta. Por falta de um tecido nessa cor, por alguns anos, fora revestido com as cores: branco, marrom e quadriculado até chegar ao padrão desejado – veludo preto. Sonho realizado nunca mais mudou de cor.

Nessa trajetória, Boi Caprichoso teve vários donos: Roque Cid, Emídio Vieira, Pedro Cid, Antônio Bobói, Nascimento Cid, Luiz Gonzaga, com a sua morte assumem: Seu genro Nilo Gama, Élcio, Ambrósio, José Luiz, Santarém e Jaquinha, depois, Ervino Leocádio e Luiz Pereira. Os **donos** administraram o Caprichoso até 1981, com a denominação de Boi Bumbá Caprichoso.

O boi Caprichoso saiu às ruas pela primeira vez em 1914 era um boi simples, de rua, de quintal, de terreiro, das portas dos mais abastados, iluminado pela luz das lamparinas. Eram confeccionados com caixa de papelão, talas, cipós, estopa, cabeça de boi (carcaça de um boi normal, que precisava de um tempo para ser usada, pois para a limpeza total, buscavam a ajuda das formigas). O boi brincava, dançando estimulado pela cantoria do Amo e euforia dos brincantes em número reduzido e lá se iam ao som da batucada, entoando seus desafios, incentivados pelos torcedores.

De vez em quando, uma parada para o ritual do tira a língua. O boi morria, atirado por pai Francisco para satisfazer o desejo de Mãe Catirina. Sua língua era retirada e vendida ao dono da casa. Assim, angariavam fundos para os festejos da morte do boi quando encerravam os folguedos juninos, com lauto almoço para brincantes e convidados. Os terreiros, os quintais eram iluminados por fogueiras, lamparinas, petromax, candieiros, aladins e enfeitados com bandeirolas de papel de seda colorido. O boi evoluía, brincava, investindo contra todos, suscitando gritos e correrias. Era um poema quase selvagem, declamado em volta de fogueiras crepitantes, e fazia despertar com mais força o sentimento místico do caboclo parintinense, passando de geração à geração.

O auto do boi era cômico e aos poucos fora evoluindo, obedecendo a uma ascensão gradual com erros e acertos. Nessa caminhada, sempre estivemos imbuídos de senso crítico para melhor inovar, acertar e crescer a cada ano.





## ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

A percussão da brincadeira era composta por instrumentos rústicos, fabricados muitas vezes pelos próprios brincantes maracás de latas, palminhas, reco-reco de bambu ou de ferro galvanizado. Os tambores eram feitos de madeira oca, recobertos com peles de animais.

Hoje temos um total de 600 instrumentos. A nossa **Marujada**. Investe intrépida, sem medo, fazendo soar harmoniosamente a parte instrumental e o coração dos apaixonados pelo Caprichoso. Os instrumentos são assim distribuídos: 140 surdos; 60 caixinhas; 50 repiques; 80 rocar; 120 xeque-xeque; 60 palminhas; 90 maracás.

Seus personagens principais: o Boi – a estrela maior; Amo, o dono do boi e tirador de verso; Vaqueirada – oito a dez pessoas; Batucada ou Marujada; Pai Francisco e Mãe Catirina; Pajé; Dona Aurora; Gigante; Padre; Dr. Curador; Dr. da Cachaça; Lamparineiros, Tribo em número de dez a doze pessoas (dos tontos).

Assim, por várias décadas o Caprichoso arrancou aplausos e emocionou muita gente, embora seu espetáculo fosse, por natureza, cômico e grotesco. Sua ascensão foi lenta e gradual. Galgou seu espaço, sua glória em meio de encontros e desencontros com o boi conuário.

O Boi Caprichoso mantinha-se financeiramente com a ajuda de padrinhos, amigos, venda da língua etc. Nessa caminhada, muitas páginas foram viradas sem a preocupação de assimilá-las e assim, perdemos alguns caracteres de nossa tradição.

*Fomos em busca do novo, do diferente.*

### **POR QUE O RITMO DO CAPRICHOSO HOJE, SE CHAMA MARUJADA?**

A Marujada, de origem paraense, chegou a Parintins, logo após São Benedito que se instalou na antiga Igreja de Nossa Senhora do Carmo, que ficava na praça onde hoje está o CRISTO REDENTOR. A partir de então, os MARUJEIROS começaram a prestigiar o Santo com seu baiado.

Sofrem represália pelos padres. Cessa o baiado na praça e começam a se apresentar nas casas.

Caprichoso convida os MARUJEIROS a integrar o cortejo do Boi, porque seu Emídio Vieira trabalhador do porto, como estivador, era fã dos Marujos que saltavam dos navios, vestidos a caráter. O convite foi imediatamente aceito, aumentando dessa

CAPRICHOSO



O Boi de Parintins  
1913

## ASSOCIAÇÃO FOLCLÓRICA BOI BUMBÁ CAPRICHOSO

forma, a sustentação rítmica de sua brincadeira e a dança de marujos deixou de se apresentar em Parintins, mas é dançada até hoje na Freguesia do Andirá – Município de Barreirinha.

O Sr. Emídio Vieira, um dos donos do Caprichoso, após desentendimento com o Sr. Lindolfo Monteverde que brincava no Caprichoso o afastou da brincadeira e resolve, para não ficar igual ao contrário, aglutinar a percussão com a denominação de MARUJADA, ficando BATUCADA com o boi contrário.

Os ritmistas dos bois trajavam-se como Marujos. Hoje trajam-se de acordo com o Projeto para as três noites, porém em uma delas, lá vimos nós vestidos de Marujos.

Somos os MARUJEIROS DO REI NEGRO, conhecidos carinhosamente por: MARUJADA DE GUERRA.

Nossa disputa não deixa de ser uma guerra. Nossas armas?

- A ousadia, a inteligência, a coragem, o espírito da arte e nosso toque cadente.

A MARUJADA DE GUERRA é um arsenal em instrumentos. Investe intrépida, sem medo, fazendo soar no mesmo compasso, corações apaixonados pelo boi da estrela na testa.

No conjunto não se sabe quem é quem. Todos parecem ter uma só idade. Marcam o ritmo com o sabor da emoção, sentindo-se recompensados por mergulharem em 03 noites de espetáculo, no mundo da arte e dos sonhos de nossa fantasia.

### FOR QUE TANTOS DONOS?

As famílias se mesclavam, iam se tornando parentes e todos queriam ter em seu poder o Touro Negro, o Diamante Negro, o Boi da Estrela na Testa, o Boi de Parintins. Os espaços, ou seja, os terreiros iam se tornando pequenos, as construções tomavam conta desses espaços e o boi que já era uma tradição histórica entre famílias, parentes e amigos. tinha que ter um dono, um local para brincar, manter sua sobrevivência, patrocinada sempre por um padrinho. Teve seu curral construído em vários pontos desta ilha, sempre do lado leste da cidade, salvo quando foi para a comunidade do Aninga